A RAZÃO

Director e Editor: — DR. DAVID DE OLIVEIRA

SEMANÁRIO RÉPUBLICANO

N.º 24 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua de Francisco Agra, 8

Guimarães, 6 de Maio de 1926.

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — FAFE

Ainda a Higiéne

Segundo nos informaram, após a implantação da Republica, vários projectos foram apresentados pela 1.ª vereação republicana, e, entre êstes, um do Ex.mo Snr. Dr. Mariano Felgueiras que tratava da canalisação do riacho que passa pela rua de Couros e se estende até Creixomil.

A medida seria a melhor que se pode conceber, não só pelo que representa de saneamento mas tambem pelo facto de beneficiar a cultura dos vários quintais e campos que existem pela cidade.

Dêsde já ouvimos o argumento:

—Mas a indústria de couros não vem a sofrer com tão espantosa medida!?

E a resposta, limpida e sã, logo objectiva:

—A vida da população vimaranense não deve ser tida em melhor conta do que a cortimenta... dos couros?!...

E vamo-nos caminhando da nascente para o escoadouro, e vamo-nos certificando da existencia de pequênos pantanos onde os micróbios se desenvolvem á vontade e onde o cheiro pestilento nos vai minando a saude.

Ha pontos, como entre a rua da Ramada e a rua dos Terceiros, em que se torna urgente a canalisação do riacho, porque, olhando os terrenos ali dispersos, observa-se que a saude não pode imperar nem tão pouco se consegue a respiração dum ár puro.

E' verdade! E porque não?

Quem desce do Largo de S. Francisco para o Campo da Feira, se vier de carro vê-se na contingencia de o deixar à bôca da rua dos Terceiros, e caminhar por seu pésinho ao seu destino.

Exageramos?!

Talvez! Mas há mais ainda: essa Travessa é ponto estratégico para a satisfação de certas necessidades e alguns moradores—estamos a vêr a orelha do amigoNogueira a arrebitar-se—teem de gastar sacas e sacas de criólina afim de mitigar um pouco o perfume ali abundantissimo, e comprarem metros e metros de riscado, para fazer grossas e opácas cortinas ao ponto de não deixarem perceber certas... e variadíssimas scenas que, na dita Travessa, praticam os desavergonhados.

Exageramos?!

Talvez, sim! Mas porque se não trata de estudar um projecto de alargamento da rua e vielas para se pôr côbro a êstes espectáculos e para que o novo projecto de alargamento da cidade não vá embarrar com quelha e bêcos e desapontar os visitantes?

Até ao proximo n.º.

Na berlinda

Já não temos telhados de vidro, diz um nacionalista em Santarem, o Partido Nacionalista já não tem telhados de vidro. Oiçam quantos...

Ora, o caso é bem simples: *já não tem* deixa supôr que *já os teve*.

Os leitores estão a vêr para quem vai a gracinha. Nem mais nem menos de que para o célebre expoente máximo que no Fundão bebeu com os primeiros ares os primeiros leites, o famoso talento que dá pelo nome de Cunha Leal.

Até aqui tudo era «meu menino onde te porei», agora vá de berrar: os bons cá ficaram; já não temos telhado de vidro!

Que grande farça a politica...

Raul Proença, que na «Seara Nova» se lançou á necessária tarefa de tirar os disfarces aos histriões da politica, deve sentir-se satisfeito com este categórico testemunho da grande razão que lhe assistia ao pôr na berlinda o republicanissimo candidato a ditador da lusa gente.

Ele e nós tambem, que desde bem cêdo começamos a chamar a atenção para as atitudes e desacertos do homem do Ultramarino.

Depois disto e noutra terra, o snr. Cunha Leal era homem ao mar.

Entre nós é o que se está vendo: um chefe de partido.

ABSTENCIONISMO

A indiferença politica, o abstencionismo politico... Mas, como querem que essa indiferença, que esse abstencionismo desapareça, se tudo concorre para que êle se desenvolva e avolume, se os que o condenam são os primeiros a contribuir para que ele se mantenha e aumente?...

Como querem que não haja um grande numero de abstencionistas em politica, se os politicos mais não fazem do que alentar êsse defeito, essa praga?

Pode-se, por ventura, combater a indiferença politica num país de analfabetos a quem todos os dias se fala de intrigas politicas, de escândalos politicos, de êrros e crimes politicos?

.....

«A indiferença, o abstencionismo em politica, pode sêr fatal à democracia... Combatê-lo é um dever de todos, etc. etc....»

De acôrdo. Mas, não é menos verdade que o que se tem feito e está fazendo só deve contribuir para que a nação mais e mais se afaste e divorcie da politica. Nem de outra forma será, enquanto os homens se subrepuserem aos principios e os partidos forem antes agregados de interêsses do que nucleos de ideias.

.....

Desenganemo-nos. E' um perigo o abstencionismo em politica em qualquer regime, e, principalmente nas democracias. Urje combatê-lo por todos os modos, urge que interessemos todos os cidadãos na marcha do Estado; mas nada se conseguirá sem que melhores exemplos nos deem os *profissionáis* da politica. Enquanto não sairmos da «porca», que Bordalo tão bem e tão justamente ridicularizou, o numero dos indiferentes aumentará, de outra maneira não sabendo evidenciar o seu desdem ou o seu protesto os que não concordam com a desvergonha que para aí campeia.

P. P.

EM LORDELO

INAUGURAÇÃO DUMA FEIRA DE GADO PROMOVIDA PELA «SOCIEDADE MÚTUA INDEMNIZADORA BOVINA DE SANTO ANTÓNIO»:

Em 18 do passado mês de Abril, a «Sociedade Mútua Indemnizadora Bovina de Santo Antonio», inaugurou uma feira de gado, nas proximidades da estação de Lordelo.

Constituída pelos Lavradores das freguezias de Lordelo, Moreira de Cónegos, S. Martinho de Conde e Guardizela, dêste concelho, esta sociedade tem por fim a indemnisação mútua dos prejuízos que os sócios sofrem com o gado, por aleijão, doença ou morte.

Relativamente nova, pois conta aproximadamente 4 mêses de existencia, ela principia o cumprimento integral do seu Estatuto, e, assim, vêmo-la inaugurar a feira bovina, não só para propaganda mas tambem para estímulo do melhor tratamento a dar ao gado, distribuindo prémios valiosos.

Ao gentil convite do Ex.mo Snr. Alberto Veloso de Araujo, espírito empreendedor e culto, Bemfeitor desta Sociedade, não foi possivel a escusa nem tão pouco a declinação.

S. Ex.ª, perfeito democrata e amigo da lavoura, soube vincar bem o cunho patriótico para que fôssemos indelicados ao ponto da não comparencia.

E lá nos deslocamos, receosos do máu tempo mas cheios de esperanças pelo bom resultado da feira, tantos os sacrificios feitos e tantos os esforços dispensados.

Servido um *lunch* delicioso em casa dêste particularíssimo amigo, a que presidiu o Snr. Domingos Leite Correia Azenha, representante de S. Ex.ª o Senhor Presidente da Republica e digníssimo Administrador do Concelho, pudemos cumprimentar os Ex.mos Snrs.: Dr. Antonio Maria Gonçalves, representante do senhor Ministro da Agricultura e Entendente de Pecuária do distrito de Braga; Dr. Augusto Ruéla, inteligente director da Escola Agricola de S. Bento em St.º Tirso; José Fernandes, representante da Camara de Guimarães; Tenente Raul Vilaça, comandante da secção da G. N. R., desta cidade; Antonio Ferreira Alves Soares, professor oficial em Moreira de Cónegos e Presidente da direcção da S. I. M. Bovina de Santo Antonio; Júlio Pinto de Souza e Costa, proprietário; Acácio d'Oliveira, Secretário-substituto da Administração do Concelho; José Ribeiro Machado, proprietário; e Manoel Francisco Alves, proprietário e Tesoureiro da Bovina.

Terminado esta pequena refeição, dirigimo-nos ao monte onde a feira se realisava, e pudemos observar que a «S. Bovina» havia sido bem aceite, atendendo ao número de juntas de gado que aí se encontravam, apesar do dia chuvoso como aquêle.

O Juri, composto pelos senhores Dr. Antonio M. Gonçalves, Dr. Augusto Ruela, Julio Pinto de Souza e Castro e José Ribeiro Machado, principiou o trabalho de classificação dos melhores exemplares de vacas barrosãs, tourinas e bois de trabalhos.

Entretanto, chega o Ex.mo Snr. Governador Civil do Distrito de Braga, representante do Snr. Presidente do Ministério, acompanhado pelo Snr. João d'Almeida seu secretário particular, Tenente Lopes Martins, Administrador do Concelho de Braga e representando a imprensa bracarense, e Tenente Barreiros, Comisário de Policia. A banda executou o hino Nacional e são levantados alguns vivas á Pátria e á Republica.

A Polícia

Podem-nos considerar uns maçadores que roubam espaço a assuntos novos e que chapisam sempre na mesma coisa.

Pouco importa.

Os interêsses da terra não devem ser despresados nem tidos em pouca conta.

Acima de todo o partidarismo e de toda a politica, haja o bairrismo.

Não o *bairrismo* dos *bairristas* que sómente idealisam... projectos ou que enchem a bôca com o «berço da nacionalidade» não o *bairrismo* dos que se julgam no direito de amontoar grossos *cabedais*, desejosos de terem uma morte mais miseravel, e se negam a fornecê-los para a ajuda de qualquer iniciativa nova; não o *bairrismo* daquêles outros que assistem a grôssa de missas e que se dizem respeitadores da bôa doutrina, todavia recusando uma esmola a qualquer casa de caridade, ou, fazendo-o, após o espaventoso rèclame de bajuladora gazeta; mas o bairrismo compreensivel em todos os bons filhos de Guimarães.

Pois, nunca seremos maçadores, uma vez reconhecida a responsabilidade que se nos impõe.

Maçadores, talvez, por moermos paciências e desgastarmos... estómagos.

Vem tudo isto a propósito de, conhecida a boa vontade do digníssimo Administrador do Concelho, ousarmo-nos a apresentar um alvitre àcêrca da criação dum Côrpo de Polícia.

Bem aceite por toda a população vimaranense, não duvidamos que os digníssimos representantes da nossa edilidade se esqueçam do pedido que é a aspiração da cidade, atendendo à lacuna existente ser... falta de progresso e falta de... bairrismo.

Contudo, nada de policias de compadrio... ou... amigalhaços da taberna.

Tenhamos iniciativa

A Câmara tem pedido para que se caiam as frontarias das casas, com o fim de tornar mais agradavel o aspecto da cidade.

Constatamos que alguns senhorios teem correspondido ao desejo da Câmara e que tratam de limpar tudo o que às casas digam respeito.

Todavia, outros há que se fazem ingénuos e deixam correr o marfim —esperança de que nunca tenham de gastar dinheiro com tais limpêsas.

Que diabo, tenhamos iniciativa!

Deve ser muito agradavel para nós, ouvirmos da bôca de qualquer visitante que esta terra é bem o «berço da... porcaria»?...

Porque esperam, senhores?!

Há casas enfarruscadas e feias, muros negros e encervoados, telhados sem caleiros (com vista ao edifício onde funciona a Administração), *casinhas* sem escoantes e escoantes que são verdadeiras latrinas...!

Porque esperam, senhores?!

Que diabo, tenhamos iniciativa!

Foot-ball em Guimarães

E' no proximo domingo que se desloca a esta cidade o grupo da Promoção «Luso Atlético Club» que vem jogar com as 1.as Categorias do «Sport Club de Guimarães».

Natural é que o campo se encha, atendendo a que as senhoras teem entrada gratuita e a que o desafio deverá despertar interêsse, conhecido o valor do grupo visitante.

Lêde e propagai

"A RAZÃO"

Porque sou Português...

Eu sinto lágrimas de tristeza a escaldarem-me as faces e sinto tambem lágrimas de alegria a bailarem-me nos lábios.

Choro a minha tristeza num frémito de desespêro e gargalho a minha alegria num arrepio de satisfação.

Arrefeço-me com os gelados pensamentos que me preocupam e aqueço-me ao Sol dos meus próprios pensamentos.

E porque sinto o frio de morte do mar das minhas lágrimas, o frémito de desespêro cresce, aumenta e multiplica-se!

E porque me aqueço ao Sol dos meus próprios pensamentos, o arrepio de satisfação é a redempção, o amôr e o ideal!

Anda a dôr a carpir a Saudade e fulge a alegria no acarinhar da Ilusão.

E a Saudade é o espelho da dôr, revelando a imagem virtual dos meus desejos.

E à Ilusão é uma espiral de fumo metamorfoseada em sonho de aventura.

Desejos que vão da minha alma até Deus; sonho de aventura que se iniciou com a nacionalidade e vem até a mim; Desejos torturantes a derramarem imensas lágrimas de Tristeza, de Saudade...

Sonho de aventura que é ilusão esvoaçante, e sangue, e palmo de terra, e espuma de mar, e farrapo de nuvem...

Retine nos meus ouvidos, um éco de sumida voz!...

Deleitando os meus ouvidos, um búzio sôa o hino das águas irrequietas e movediças!...

«Oh glória de mandar! Oh vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!»

E o éco de sumida voz é pranto, é chôro e é descrença —o Calvário que, cioso de novos suplícios, se contrapõe à bôa doutrina, ao amôr da terra e da grei.

O hino das águas irrequietas deleita os meus ouvidos!...

E os meus ouvidos se concentram no som que o búzio espalha inigmáticamente e a lembrar o marulho das águas movediças—uma inconsciência lubrificadora das engrenagens da máquina-politica, enferrujada pelo salitre das águas do mar.

São as falhas do caracter a confundirem-se com a macieza dos veludos e das sêdas, depravando os costumes;

São as desmedidas ambições dos senhores, postituíndo as côrtes e alargando o vôo dos seus egoísmos e prazeres carnais;

E são os desprêsos atirados à cara da comunidade;

E são, aínda, os interêsses particulares a delimitarem o campo da luta e onde as espadas se cruzarão com uma leveza de passos femeninos;

E são, finalmente, os assassinatos, "as intestinas guerras", a ruína da própria comunidade e "o incerto, e incógnito perigo".

I

Felicíssimo, sinto lágrimas de alegria a bailarem-me nos lábios.

E os meus lábios absorvem todo êsse raio de Sol que penetra a escuridão da minha alma, como se quizessem receber um prolongado beijo dado por uma bôca de mulher.

E os meus lábios saboreiam a frescura das minhas lágrimas, sorrindo e bendizendo o orvalho desta manhã de concentração, de amôr e de evocação.

Redemoinham pelo ar as canções das moças de Portugal! Ouvem-se os harmoniosos compassos trazidos na voz dos ventos, e a fazerem-se toada de beijos nas criptas dos pinheirais;

Sobem alto, muito alto, a disputarem o vôo das águias, e fogem, fogem para longe e sempre arrastados pela correria dos ventos.

E no ar se espalham novas cantigas, levadas pela louca pressurosidade dos ventos...

Um ambiente de silêncio envolve, rápido, todo o meu ser.

Sinto que me apertam e supliciam, e, sfingicos, os meus olhos param de terror.

Eterisadas, as minhas lágrimas cessam de correr porque se volatisaram.

Há contornos que se esboçam.

E há sombras que são contornos esfumilhados.

Como uma ronda processional, as sombras tomam vida e caminham rítmicas e belas em seus contornos.

E os meus olhos continuam parados, receosos...

As minhas lágrimas, volatisadas, já não correm...

Principia o sonho de aventura!...

O *Fundador* rasgando, a seu talante, os limites do apertado reino;

D. Diniz gemendo a sua Saudade, como que embalando o primeiro sonho da aventura;

O Mestre d'Aviz, de braço dado com o "Fero Nuno", consolidando a independência e a legar-nos, *pour bien*, filho dignos de serem portugueses;

Os comandantes de todos os navios que se fizeram ao mar, num desejo de dar "ao Mundo, novos Mundos";

As leoninas hostes que batalharam nas Indias, em Montes-Claros, no Buçaco, na Africa e na Flandres;

Os gigantes alados que transpuzeram as nuvens, rasgaram céus e foram beijar pedaços distantes da terra portuguesa;

E Todos os outros, Santos e Poetas, Grandes e Humildes, a Todos os meus olhos sfíngicos os contemplaram demoradamente, enfeitiçadamente...

E no ar, o vento arrasta as canções das moças de Portugal! *Brouháhá* de vozes casam-se com os sons harmoniosos que são toadas de beijos nas criptas dos pinheirais...

E os meus lábios sorriem de alegria, como em sonho de primeiro amôr...!

II

Sons extranhos, graves, retinem em meus ouvidos—éco de sumida voz...

Deleitando os meus ouvidos, um bùzio sôa o hino das águas irrequietas e movediças...

«Oh glória de mandar! Oh vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!»

Desperto-me. Volto á realidade. Mui lentamente os meus olhos quebram-se do encanto.

A recordação—câmara vermelha que permite observar a imagem—aviva a ronda processional do meu sonho, e, confrontada com a realidade da vida, vem abafar a momentânea alegria que experimentei.

E alegria é abafada pela revolta.

E a revolta é sinónima de depurativo para mitigar a doença da minha Pátria.

Criancinhas imberbes, brincando os seus desejos e jogando as suas ignorancias, tentam fazer desacreditar o sistema politico, teem esgares e movimentos de mêdo ao descobrirem o Papão nas trevas das suas inconsciencias.

Ambiciosos desmedidos, rebaixam a Pátria aos olhos dos estranhos e não teem sequer um forte rebate de consciencia, tripudiam da confiança que lhes emprestaram e se intitulam representantes dos interêsses da grei!

E a farça é vista atravez de todas as scenas, ouvida em todos os diálogos e detestada em toda a sua mentira...

.....

E sinto as lágrimas de tristeza a escaldarem-me as faces como sinto lágrimas de alegria a bailarem-me nos lábios.

Lágrimas de tristeza que são a dôr da Pátria; e lágrimas de alegria que sintetisam a sua esperança.

Dôr gerada pelo o máu funcionamento da máquina-politica;

Alegria a cantar esperançadamente o dia da redempção!...

E as lágrimas que choro são a compreensão nitida dos meus desejos torturantes...

E as lágrimas que rio são a vitória do sonho de aventura...

Choro? Rio?

Porquê?!

Porque sou Português e amo a Portugal.

Araduca.

JUSTIÇA!

Discurso proferido no Comicio público, por Eugénio Vaz Vieira.

Meus Senhores:

Eu comprehenderia esta negativa teimosa, pertinente, se um fim mais caritativo, mais honrado, mais digno, mais vimaranense, a motivasse.

Era uma injustiça!

Era um roubo!

Mas ao menos poderia ter sua chaguenta defeza.

Eu comprehenderia se a Irmandade do Cordão e Chagas se podesse assinalar os beneficios que a Irmandade de S. Francisco de Guimarães, distribue desde sua fundação;

se o Cordão e Chagas não fôsse até 1919 uma Irmandade quasi nossa desconhecida—eu por mim declaro que até essa data a ignorava;

se a ela, Cordão e Chagas fôsse aquela que o Testador visitou em 1908, informando-se pormenorisadamente cuidadosamente da longa e legal, e benemerita existencia, e suas Instituições, como dos beneficios que prestava, e visitasse as suas dependencias para colher impressões altas e honrosas, que certamente não só a sua retina lhe retratou, mas o seu grande e generoso e caritativo coração sentiu, e, influnciado por umas e outras, conservou na memoria até traduzi-las e deixá-las bem patentes ao fazer seu testamento, impressões que neste testamento tomam vulto, e ele Testador QUIZ se tornem realidade, para que elas tivessem vida,—a vida que Ele hia em breve deixar—vida de benções de caridade, de assistencia, de instrução aos pobres da sua querida Alvite e de Guimarães, e para si vida de preces—sufragios eternos pela sua alma de Irmão Graduado da Irmandade da Ordem Terceira;

mas sobretudo meus Senhores eu comprehenderia,—sim!—eu comprehenderia—se o Cordão e Chagas luctasse até á ultima e preclara Instancia da Justiça do Brazil, até mesmo depois da decisão do Egregio Tribunal Superior do Rio de Janeiro—que aguardamos para Justiça—e então podesse dizer, alta e alevantadamente, com nobreza e com dignidade, com brio proprio dos seus mesários e da Irmandade que representam,—maquiavelicamente é certo nesta Causa—:

Senhores Juizes temos cumprido o nosso dever!

Mas não! Meus Senhores!

Mas não! Senhor Presidente!

Mas não! Sou eu agora que o digo indignadamente: mas não!

Desde 1920, pelo menos, os mesarios do Cordão e Chagas de S. Francisco de Guimarães, sabiam que se a Justiça do Brazil desse sentença favoravel á Irmandade de S. Francisco de Guimarães, que como demonstrei é a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Guimarães, seria pedida á Justiça Suprema do Rio de Janeiro a anulação do testamento.

E' que Meus Senhores a mesa do Cordão e Chagas de S. Francisco de Guimarães tinha *um prócurador fiel* e *fideicomissorio:* este era, Serafim Marinho & C.ª, sociedade anonima, para captagem desta herança!

E como para tal era necessario recorrer a medidas extremas vá de bradar á Justiça do Brazil:—MENTIU José Bento Alves de Carvalho—*sem juizo ao fazer seu testamento;*

—mentiu a *Carta Régia de 1866;*

—mentiu a *Carta Enciclica de Leão* XIII;

—mentiu a *Regra dos Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, chamada secular;*

—mentiu DUAS VEZES o *Estado Português, pelo seu legitimo representante o Governo;*

—mentiu a *Justiça de Guimarães;*

—mentiu a *1.ª Instancia do Rio de Janeiro;*

—mentiu a 2.ª *Camara do Rio de Janeiro;*

—mentiram as *Camaras Reunidas do Rio de Janeiro;*

se os remanescentes da herança de José Bento Alves de Carvalho não são pertencentes á nossa SÓCIA a *Irmandade do Cordão e Chagas de S. Francisco de Guimarães*—e *nós com ela nos havemos a parte do leão na partilha*—então Egregio Tribunal Superior do Rio de Janeiro, *José Bento Alves de Carvalho* "NÃO ESTAVA EM SEU JUIZO" *ao fazer o seu testamento e como seus sobrinhos requeremos a nulidade desse testamento.*

Meus Senhores.

E' esta a conclusão a que eu chego, de raciocinio em raciocinio. sem ser homem de Leis. Agora, Meus Senhores, agora comprehendo! Que os sobrinhos do Testador—*embora como inqualificavel contradição da ultima vontade de seu Tio*—seja a anulação do testamento o que lhes convem, acredito-o, comprehendo-o?

Mas que assim o queiram os mesarios da Irmandade do Cordão e Chagas de S. Francisco de Guimarães...

Que faz o Cordão e Chagas?

Meus Senhores.

E são portuguezes, e são vimaranenses homens que assim procedem...tanto cordão... e tantas chagas... tanto cordão de interesses lapidários a sugar uma herança PATRIMONIO DOS POBRES!

Tantas chagas nauseantes teem vindo á supuração nesta Causa!

Mas confiemos!

Confiemos que sob o Cruzeiro do Sul, na Pátria distante onde os nossos compatricios serão conosco;

lá na Terra de Santa Cruz ainda há JUSTIÇA.

Disse.

HOTEL CENTRAL

(VULGO DA FELISMINA)

Praça da Republica--FAFE

Este conhecido Hotel, instalado nas mais óptimas condições higiénicas, um dos principais hoteis de provincia, que pelo esmero de tratamento que faculta aos seus hospedes, gravado tem há muito um nome de destaque em todo o país, continua como :: :: até aqui a proporcionar os deliciosos :: ::

PÃO DE LÓ E DOCES FINOS

que tão apreciados são, atenta a beleza da sua confecção. Este estabelecimento, sob a direcção de

TEODORO DA SILVA E CASTRO

continua como até aqui no mesmo ramo de comércio, procurando sempre, por todos os meios ao seu alcance, proporcionar os seus melhores serviços.

EDITAL

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial!

Faço saber que Vacuum Oil Company, Limited pretende licença para estabelecer um deposito de liquidos combustiveis (2000 litros de gasolina) na rua ou local de Avenida Candido dos Reis freguesia de S. Sebastião concelho de Guimarães distrito de Braga, confrontando ao norte com Avenida Candido dos Reis, sul com Avenida Candido dos Reis, nascente com Avenida Candido dos Reis e poente com Avenida Candido dos Reis.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incendio são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na Circunscrição Industrial, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira n.º 229-1.º, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data dêste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 29 de Abril de 1926.

O Engenheiro-Chefe,

Salvador Viegas.